

PERCEPÇÕES POLÍTICAS DOS DEMOCRATAS BRASILEIROS NOS ANOS DE 2013 E 2015

Political perceptions of brazilian democrats in the years 2013 and
2015

*Júlia Moreira de Figueiredo**

*Maria Luiza Moreira Duarte**

Cite este artigo: FIGUEIREDO, Júlia Moreira de; DUARTE, Maria Luiza Moreira. Percepções políticas dos democratas brasileiros nos anos de 2013 e 2015. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.93-110, maio. 2018. Semestral. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus>>. Acesso em: Maio. 2018.

Resumo: Este artigo investiga, através de dados do Latinobarômetro, como se deram as percepções dos democratas brasileiros em dois momentos importantes da política brasileira – 2013 e 2015 – em torno de variáveis que expressam as dimensões dos apoios específico e difuso. Nossa investigação parte do recente cenário da política brasileira marcado por uma crise política e institucional e da particularidade dos anos de 2013 e 2015 para a queda da confiança em instituições políticas - como sinalizado pelos dados do Índice de Confiança Social (ICS). Mais especificamente, analisamos os dados à luz de uma divisão entre democratas brasileiros satisfeitos e insatisfeitos com o funcionamento da democracia, dadas as possibilidades frutíferas de investigar como se relacionam fenômenos como apoio à democracia, satisfação com a democracia e confiança nas instituições.

Palavras-chave: Desconfiança política; Democracia; Latinobarômetro.

Abstract: This paper investigates, through data from the Latinobarometer, the perceptions of the Brazilian democrats in two important moments of Brazilian politics - 2013 and 2015 - about variables expressing the dimensions of specific and diffuse support. Our reserach is based on the recent scenario of brazilian politics marked by a political and institutional crisis, and the particularity of the years 2013 and 2015 for the decline of trust in political institutions, as shown by the Social Trust Index (ICS). More specifically, we analyze the data in the light of a division between satisfied and dissatisfied Brazilian democrats, given the fruitful possibilities of investigating how phenomena such as support for democracy, satisfaction with democracy and confidence in institutions are related.

Keywords: Political distrust; Democracy; Latinobarometro.

1. Apoio à democracia em um cenário de desconfiança nas instituições, insatisfação com a democracia e crise política e institucional

A adesão à democracia é uma variável de crescente importância para as pesquisas de cultura política, e diversos estudos têm buscado mensurá-la (MOISÉS, 2008; MOISÉS e CARNEIRO, 2008; MENEGUELLO, 2013; FUKS et al, 2016). Uma de suas grandes relevâncias reside na capacidade explicativa que oferece em contextos de crise institucional e instabilidade democrática. Consoante a isso, observa-se no Brasil um cenário de crise política e institucional (AVRITZER, 2016) marcado por baixa confiança nas instituições políticas, como diagnostica uma visão cronológica dos dados do Índice de Confiança Social (ICS). Soma-se a esse cenário a crescente publicização de escândalos de corrupção e ascensão de polarizações radicais no espectro ideológico-político.

Outros estudos demonstram a ambivalência dos brasileiros no apoio à democracia (MOISÉS, 2008), sendo uma tentativa válida de mensuração dessa variável, ainda que estudos mais recentes questionem o olhar centralizado para os ambivalentes e/ou autoritários, buscando enriquecer a mensuração da adesão à democracia mudando o foco para os democratas (FUKS et al, 2016). Ainda que o presente artigo busque seguir essa orientação, não insere o debate de FUKS et al (2016) em torno de uma discussão mais sistêmica da mensuração do apoio ao regime democrático.

Alvo de muita reflexão, também, é o fenômeno da satisfação com a democracia (MOISÉS e CARNEIRO, 2008; DEL PORTO, 2016). Existiria uma lacuna acerca da associação existente entre apoio à democracia, desconfiança nas instituições e insatisfação com a democracia, além de evidente dificuldade de conceitualização e operacionalização dessa relação. Seguimos, assim, as orientações encontradas em MOISÉS e CARNEIRO (2008) a respeito das distintas dimensões supostas pelo fenômeno de apoio ao sistema democrático e, considerando a diferença empírica entre cada um desses fenômenos, investigamos mais de perto a relação entre apoio ao regime e (in)satisfação com a democracia.

Nesse sentido, este artigo é um esforço a ser somado às tentativas interpretativas dos conturbados e imprevisíveis momentos vividos pela política brasileira recentemente. Orientadas pela questão paradoxal trazida por MOISÉS (2005) do apoio dos brasileiros à democracia em consonância com a desconfiança nas instituições democráticas [1] e pela relevância do fenômeno da satisfação com a democracia, investigamos como se deram as percepções dos democratas brasileiros em dois momentos importantes da política brasileira: 2013, no ápice dos protestos massivos de junho de 2013, e no 2015 pós-eleitoral da ex-presidenta Dilma Rousseff. Mais especificamente, analisamos os dados à luz de uma divisão entre democratas brasileiros satisfeitos e insatisfeitos com o funcionamento da democracia em torno de variáveis organizadas em três blocos de análise.

Os blocos de análise são formados por variáveis que expressam: (1) Desempenho dos governos; (2) Percepções relacionadas ao sistema político e (3) Comportamento: engajamento político. Eles foram organizados de modo a cobrir tanto variáveis comportamentais quanto as

relacionadas ao apoio difuso e específico. Em estudo clássico, EASTON (1965) apresenta que o apoio específico remonta a satisfação dos cidadãos com o desempenho, seja de governos ou lideranças, enquanto que o apoio difuso está relacionado às percepções dos cidadãos com o sistema político de um modo geral.

Interessa-nos mais prontamente, portanto, compreender como a satisfação e a insatisfação dos democratas brasileiros com a democracia são afetadas no recente cenário de crise política, a partir de uma leitura comparativa entre os anos de 2013 e 2015, e como essa afetação é revelada em blocos relativos aos apoios específico e difuso.

Para se compreender o cenário de crise que acompanha os anos de 2013 e 2015, é preciso elucidar que o ano de 2013 foi marcado pela expansão de um grande questionamento dos políticos e das instituições políticas brasileiras, que, atrelado à publicização de escândalos de corrupção, se desdobrará em manifestações públicas de grande alcance - como os protestos massivos de junho de 2013 e os protestos ao longo dos anos posteriores (2014 a 2016), contrários à ex-presidenta Dilma Rousseff. Nesse cenário, até janeiro de 2015, data de nossa análise, se dá de forma explícita a polarização do posicionamento político da população, reflexo do momento de instabilidade política pelo qual passava o governo da ex-presidenta.

Essa instabilidade pode ser interpretada, parcialmente, pela mudança de promessas eleitorais em um movimento de adoção de pautas da oposição (PSDB), ocasionando a perda do apoio de tradicionais apoiadores do Partido dos Trabalhadores (PT), que levaram Dilma Rousseff à presidência. Em um quadro de queda do PIB e crescente questionamento da presidenta vindo da direita, sua governabilidade torna-se vulnerável (JINKINGS, 2016). O cenário de instabilidade política, de recusa aos partidos políticos e aos políticos e de polarizações ideológicas torna-se exacerbado, culminando em um golpe parlamentar, sob o véu de impeachment, em outubro de 2015. Dilma Rousseff é afastada de seu cargo, em 2016, sob a alegação de crimes contra a lei orçamentária e de improbidade administrativa.

Além disso, a relevância desses anos é expressa pelos dados do Índice de Confiança Social (ICS), que mostram que os anos de 2013 e 2015 foram demonstrativos das maiores quedas de confiança nas instituições políticas brasileiras desde 2009 [2].

Assim, introduzimos na primeira seção nossos pressupostos teóricos sob a ótica das discussões clássicas em torno da confiança política. Em seguida, apresentamos nossa metodologia de pesquisa para, então, conduzirmos uma análise comparativa dos bancos de dados do Latinobarômetro, nos anos de 2013 – cujos dados foram colhidos em julho, logo após as jornadas de junho – e 2015 – com dados referentes a janeiro, momento pós-eleitoral de uma disputada eleição presidencial [3]. Após fazermos uma discussão dos resultados, encerramos com apontamentos finais.

2. Pressupostos teóricos

Antes de adentrarmos na análise dos dados, é necessário circunstanciar os estudos clássicos da ciência política sobre cultura política e apontar o quanto o estudo do fenômeno e as medidas de confiança política devem a eles. São ALMOND e VERBA (1963), com a obra “The Civic

Culture”, que irão consolidar o campo de estudos culturalista. Com uma potente leitura comparativa entre 05 países, os autores buscaram apontar, através do estudo empírico das atitudes políticas dos cidadãos, as condições culturais que seriam favoráveis à democracia e à sua estabilidade. Nesse rumo, a cultura cívica se refletiria numa democracia estável, tendo aquele conceito forte relação com a participação política dos cidadãos, mas também com outros padrões de comportamento dos indivíduos que existiriam em um nível “ideal” em relação à democracia. Ainda, seria possível afirmar que na base da geração de cultura cívica estaria a confiança.

Já PUTNAM (1996) traz uma preocupação central com as instituições políticas para se pensar cultura política e democracia. Em sua obra clássica “Comunidade e Democracia”, aponta que as instituições moldam a política, assim como elas são moldadas pela história. Nessa direção, afirma que o desempenho das instituições se delinea, em grande medida, pelo ambiente cívico. Sua contribuição mais específica em relação à confiança estaria na teoria do capital social. A noção de capital social é parecida com aquela de cultura cívica, e em sua base também está a confiança. Nesse rumo, o autor aponta a importância da confiança interpessoal, que seria geradora de associativismo, que, por sua vez, está relacionado à estabilidade da democracia. Assim, o declínio da confiança política seria consequência da erosão da confiança interpessoal.

INGLEHART e WELZEL (2009), em “Modernização, Mudança Cultural e Democracia”, trarão uma importante teoria quanto à mudança cultural, destacando o cenário pós-moderno da sociedade e a centralidade subjetiva do indivíduo, que, por sua vez, gerariam os valores de auto expressão (DAVID e CORTEZZI, 2013). Nesse rumo, sua análise em torno da (des)confiança política aponta o peso das mudanças culturais sobre a desconfiança, afirmando que os cidadãos em Estados pós-materialistas têm avaliado os políticos e os governos a partir de padrões mais rígidos.

Por fim, em estudos da América Latina, POWER e JAMISON (2005) trazem contribuição singular ao investigarem a desconfiança no continente. Apontando que “(...) a confiança política é importante para a legitimidade, governabilidade e consolidação do regime democrático” (p. 65) e afirmando que estudos em torno das causas da desconfiança política não são consensuais, os autores investigam o contexto, as causas e as consequências da desconfiança política na América Latina. Na conclusão do estudo, afirmam a importância de que novos estudos insiram informações contextuais sobre as regiões estudadas, assim como reforçam o caráter multidimensional do fenômeno da confiança política.

3. Metodologia

O presente estudo se deu a partir de uma análise comparativa entre dados contidos nos bancos do Latinobarômetro em 2013 e 2015. O Latinobarômetro é um estudo de opinião pública aplicado anualmente em 18 países da América Latina. Para este artigo, fez-se uma seleção inicial a partir do banco original dos casos pertencentes ao Brasil, o que resultou numa amostra de 1204 casos em 2013 e de 1250 casos em 2015. Os dados aqui utilizados foram analisados a partir do software IBM Statistics 2 e obtidos através do site do Latinobarômetro.

Ainda em uma seleção dos dados, fizemos um esforço para a escolha de apenas variáveis idênticas em ambos os anos, já que o estudo do Latinobarômetro pode variar de um ano para outro, acrescentando ou suprimindo algumas questões. Todos os dados, entretanto, foram gerados e analisados a partir dos bancos em separado, tendo sido eles reunidos e sistematizados ao fim do processo através do preenchimento de uma planilha descritiva para os testes estatísticos realizados.

Selecionadas as variáveis idênticas, percebemos que elas eram de dois tipos: escalares (com escalas de 1 a 10) e não-escalares, podendo estas ser binárias ou multivariadas. Dada nossa pergunta de pesquisa, observamos que seria adequada uma análise descritiva comparativa entre os anos para as variáveis escalares. Utilizamos, para isso, um gráfico de barras empilhado que nos permite observar as distribuições por grupos de democratas satisfeitos e insatisfeitos. Ainda, esses grupos foram delimitados através das questões “Apoio à Democracia” e “Satisfação com o funcionamento da democracia”.

A variável de apoio à democracia é desenhada da seguinte maneira: “Com qual das seguintes frases está mais de acordo: ‘A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo’; ‘Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático’ e ‘Tanto faz a pessoas como eu um regime autoritário ou um regime democrático’”. Nesse sentido, consideramos democratas aqueles que responderam a primeira opção. Nossa tipologia difere daquela elaborada em MOISÉS (2008), na medida em que não insere em sua construção o cruzamento com a variável “A democracia pode ter problemas, mas é preferível a qualquer outra forma de governo” [4].

Por sua vez, a variável de satisfação com o funcionamento da democracia é mensurada pelas respostas “Muito satisfeito”; “Satisfeito”; “Insatisfeito” e “Muito insatisfeito”. Transformamos a variável original em uma binária, que recorta as duas primeiras opções como “Satisfeitos” e as duas últimas como “Insatisfeitos”.

Dado nosso interesse em uma análise comparativa não somente entre anos, mas também entre os grupos de democratas satisfeitos e insatisfeitos, foi necessária a aplicação dos testes, para cada banco, em dois momentos diferentes: em um primeiro momento, filtramos o banco para “democratas” e “satisfeitos”; em outro, filtramos o banco para “democratas” e “insatisfeitos”.

Para as variáveis restantes, que compõem grande parte do banco, o método utilizado foi o teste de proporções (teste T de uma amostra) com intervalo de 95% de confiança. Para isso, tivemos que recodificar todas as variáveis em “0” e “1”.

As variáveis analisadas nos bancos foram divididas em três blocos principais de análise: (1) Desempenho dos governos - bloco formado por variáveis que expressam mais diretamente as percepções dos cidadãos com relação ao desempenho dos governos e, portanto, mais relacionadas ao apoio específico; (2) Percepções relacionadas ao sistema político - variáveis que expressam a percepção da (in)coerência entre o funcionamento normativo das instituições e o seu funcionamento na prática, relacionadas ao apoio difuso; e (3) Comportamento: engajamento político - formado por variáveis que expressam o exercício de direitos políticos pelos cidadãos. A

relação de cada variável que compõe os blocos pode ser acessada em documento, disponível nas notas [5]. Assim, nossas hipóteses são as seguintes:

- Satisfeitos possuem percepções mais positivas que insatisfeitos e vice-versa;
- De 2013 para 2015, há uma queda das percepções positivas dos satisfeitos e aumento das percepções negativas dos insatisfeitos.
 - » Exceto no bloco de Comportamento, no qual percepções positivas aumentariam em ambos os grupos e anos;
 - » As quedas e os aumentos são expressos com maior intensidade no bloco 1 e pouco expressivos no bloco 2, já que sustentamos que no período analisado não haveria no país uma crise de legitimidade [6] do sistema, mas sim uma crise política, mais relacionada, portanto, ao apoio específico.

4. Uma leitura comparativa: democratas satisfeitos e insatisfeitos com a democracia entre os anos de 2013 e 2015

O Índice de Confiança Social (ICS) é calculado anualmente pelo IBOPE desde 2009 e mensura níveis de confiança dos cidadãos em 18 instituições brasileiras. Conduzindo uma análise cronológica (de 2009 a 2015) desses dados para as instituições políticas, é perceptível uma queda expressiva na média geral de confiança nessas instituições nos anos de 2013 e 2015 [7]. Esses resultados conversam com o cenário de crise política e institucional no país que brevemente comentamos. Afirmando que contexto político e momento histórico importam, nossas análises de dados do Latinobarômetro também se referem aos anos supracitados. Consideramos de suma importância uma análise comparativa entre esses anos, principalmente em torno das percepções dos brasileiros em torno de questões sensíveis que refletem os apoios difuso e específico, assim como pensando a centralidade do fenômeno da satisfação com o funcionamento da democracia. Nossa análise dos dados inicia-se com um detalhamento dos percentuais dos democratas satisfeitos e insatisfeitos em 2013 e 2015.

4.1. Democratas satisfeitos e insatisfeitos: percentuais em 2013 e 2015

Nesta seção, apresentamos uma breve análise descritiva a partir do levantamento dos percentuais dos democratas satisfeitos e insatisfeitos. Nesse sentido, em 2013 e sem o filtro dos “democratas”, os brasileiros insatisfeitos somam 72,7%, enquanto que os satisfeitos somam 27,3%. Gerando o resultado somente para os democratas brasileiros, a amostra cai praticamente à metade (de 1204 para 584), mas os percentuais permanecem muito semelhantes: 70,36% dos democratas brasileiros estão insatisfeitos com a democracia, enquanto que 29,64% estão satisfeitos.

Já em 2015, observa-se um percentual de 77,5% de brasileiros insatisfeitos se comparado aos 22,5% satisfeitos. Em relação aos democratas brasileiros, a amostra válida cai de 1167 para 671, permanecendo as porcentagens muito semelhantes: insatisfeitos somam 69,90%; já satisfeitos somam 30,10%, grupo que comporta um aumento um pouco maior, de 7,6%, para os democratas.

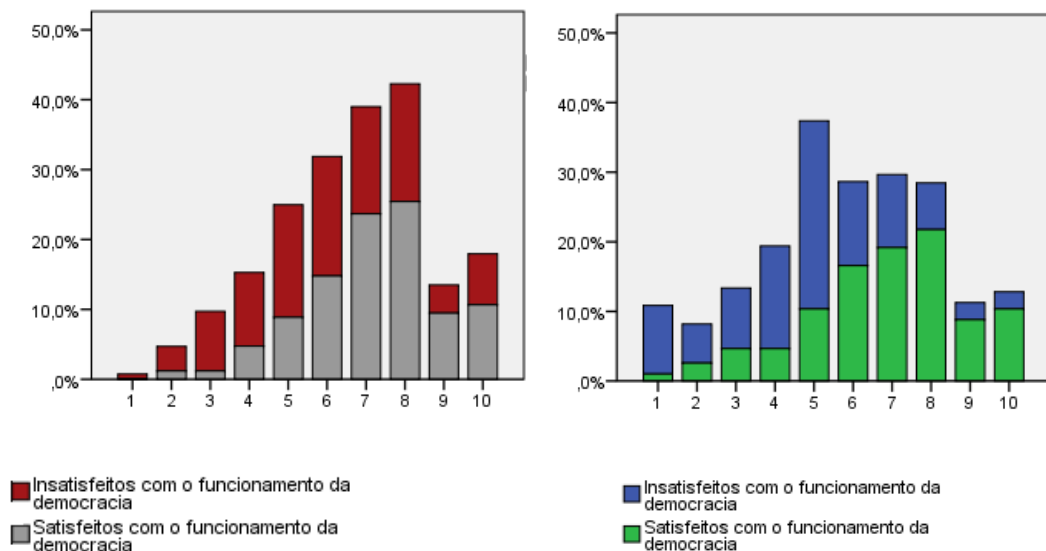
4.2. Análise dos Blocos

O levantamento dos dados contidos nos blocos de análise se deu através da realização de testes de proporções de uma amostra, realizados separadamente para cada ano. Ao fim, compomos uma tabela que compara tanto os anos como os grupos (democratas satisfeitos e insatisfeitos). Para as variáveis escalares foi feita uma análise descritiva, auxiliada por gráficos de barras empilhados. Apresentamos abaixo os resultados por bloco de análise.

4.2.1. Bloco 1: desempenho dos governos

A primeira variável deste bloco se refere à escala de quão democrático o país é percebido. Essa escala varia de 01 a 10, na qual o primeiro valor significa “Não é democrático” e o último é dado como “É totalmente democrático”. A Fig. 2 mostra em quais valores se concentram os dois grupos (democratas satisfeitos e insatisfeitos) por ano.

Figura 2 - Escala “quão democrático o país é percebido” nos anos de 2013 (à esquerda) e 2015 (à direita)



Fonte: Latinobarômetro (2013, 2015). Elaboração própria.

Em 2013, observa-se que há uma concentração expressiva, tanto dos democratas satisfeitos como dos insatisfeitos, nos valores mais próximos a 10, estando a maior concentração dos satisfeitos (25,1%) na escala 08 e o maior percentual dos insatisfeitos (16,7%) na escala 06, ainda que haja percentuais muito próximos a esta escala (16,5% na escala 08 e 15,8% na escala 05). Assim sendo, observamos uma concentração de respostas em valores superiores a 05, considerado média na escala.

Já em 2015, o cenário é um pouco distinto, com o crescimento de avaliações mais baixas na escala, principalmente entre os insatisfeitos (01 a 04 soma 37,1% nos insatisfeitos, enquanto que 12,5% nos satisfeitos). Os maiores percentuais dos satisfeitos estão nas escalas 08 (20,8%) e 07 (18,3%). Já dos insatisfeitos, estão na escala 05 (25,8%), valor de referência central para a escala, e 04 (14,1%).

Portanto, em um comparativo entre os anos de 2013 e 2015, no primeiro ano a concentração de respostas se deu em valores superiores a 05 na escala - valor central escalar -, o que indica uma inclinação positiva para a percepção de quão democrático é o país, tanto para os satisfeitos como para os insatisfeitos. Entretanto, o ano de 2015 terá uma nova configuração dos resultados, em que, apesar de ainda haver uma concentração positiva de respostas quanto a uma percepção de quão democrático é o país, os valores são mais deslocados para distribuições iguais ou abaixo de 05, ainda que isso se destaque mais para os insatisfeitos do que para os satisfeitos.

Já abaixo, encontra-se uma tabela que organiza os testes de proporções para o restante das variáveis deste bloco.

Tabela 2 - Teste de proporções para o Bloco 1

SATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA		
SATISFEITOS		
	2013	2015
	Teste T	Teste T
Imagem do progresso do país		
está progredindo	54,17%	28,36%
está estagnado	33,93%	47,76%
está em retrocesso	11,90%	23,38%
Aprovação da gestão do governo	80,12%	47,12%
Satisfação com o funcionamento da economia	61,76%	33,17%

(Continua)

(Conclusão)

INSATISFEITOS		
	2013	2015
	Teste T	Teste T
Imagem do progresso do país		
está progredindo	31,27%	11,37%
está estagnado	49,63%	52,36%
está em retrocesso	19,11%	36,27%
Aprovação da gestão do governo	52,85%	21,68%
Satisfação com o funcionamento da economia	7,90%	4,33%

Fonte: Latinobarômetro (2013, 2015). Elaboração própria.

Em 2013, a imagem do progresso do país é majoritariamente a de que o país está progredindo para os satisfeitos (54%) e de que o país está estagnado para os insatisfeitos (46%). Os percentuais relativos à visão de retrocesso variam pouco entre ambos os grupos. A aprovação da gestão do governo sofre grande mudança de um grupo para o outro, estando em 80% para os satisfeitos e em 52% para os insatisfeitos. Por fim, a satisfação com o funcionamento da economia é excepcionalmente distinta entre os grupos: entre os satisfeitos, ela é praticamente 30 pontos percentuais maior entre os satisfeitos (61%) que entre os insatisfeitos (33%).

Já em 2015, os satisfeitos percebem que o país está mais progredindo que retrocedendo, contrariamente aos insatisfeitos, que enxergam o retrocesso frente ao progresso. É majoritária a visão de ambos, entretanto, de que o país está estagnado. Ainda no mesmo bloco, temos que o percentual dos satisfeitos que aprovam a gestão do governo liderado pela presidenta (47%) é mais que o dobro da aprovação dos insatisfeitos. A satisfação com o funcionamento da economia cai pela metade entre os satisfeitos de 2013 para 2015; entre os insatisfeitos, os valores permanecem muito parecidos em relação a 2013, ainda que caia para 4%.

Neste bloco, fica claro o peso do ano para todas as variáveis, principalmente numa variação interna entre os satisfeitos: em 2015, eles atingem valores semelhantes aos dos insatisfeitos em 2013, sendo exceção a satisfação com a economia - que é radicalmente distinta

entre os dois grupos de um ano para outro, havendo uma fuga, entre os satisfeitos, de uma percepção mais otimista para uma intermediária e, entre os insatisfeitos, de uma percepção mais intermediária para uma negativa. Ainda, cai praticamente pela metade a percepção de que o país estava progredindo, tanto de 2013 para 2015, como entre os grupos. Soma-se a isso a visão, especialmente entre os insatisfeitos, de que o país está em retrocesso. Por fim, a aprovação da gestão do governo cai praticamente pela metade, em ambos os grupos e anos.

4.2.1. Bloco 2: Percepções relacionadas ao sistema político

O segundo bloco se organiza em torno de variáveis de confiança nas instituições políticas (congresso, governo, Judiciário, partidos políticos e Estado) e nas pessoas, cujos testes de proporções para a opção “Confia” estão representados na tabela abaixo. As variáveis restantes se referem à corrupção e ao sentimento de proximidade de partidos políticos.

Tabela 3 - Teste de proporções para o Bloco 2

SATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA		
SATISFEITOS		
	2013	2015
	Teste T	Teste T
Confiança no Congresso	37,50%	34,17%
Confiança no governo	61,68%	34,00%
Confiança no Poder Judiciário	64,63%	48,22%
Confiança nos partidos políticos	26,47%	16,00%
Confiança no Estado	62,57%	41,29%
Confiança nas pessoas	7,78%	13,37%
Problema mais importante do país:		
corrupção	14,63%	18,97%
problemas da saúde	34,15%	23,59%
delinquência/segurança pública	13,41%	10,26%
problemas da educação	6,71%	8,21%
situação/problemas da política	3,05%	6,15%

(Continua)

(Conclusão)

Aqueles que governam são grupo de poderosos agindo em benefício próprio	70,55%	78,28%
Progresso das instituições em reduzir a corrupção nos últimos dois anos	45,18%	27,69%
Proximidade de algum partido político	26,79%	27,86%
INSATISFEITOS		
	2013	2015
	Teste T	Teste T
Confiança no Congresso	19,55%	15,65%
Confiança no governo	29,46%	14,44%
Confiança no Poder Judiciário	35,75%	30,24%
Confiança nos partidos políticos	14,64%	7,30%
Confiança no Estado	44,03%	22,20%
Confiança nas pessoas	4,79%	5,16%
Problema mais importante do país		
corrupção	12,69%	27,35%
problemas da saúde	31,47%	14,96%
delinquência/segurança pública	9,64%	7,88%
problemas da educação	10,41%	6,13%
situação/problemas da política	3,05%	9,63%
Aqueles que governam são grupo de poderosos agindo em benefício próprio	91,35%	91,96%
Progresso das instituições em reduzir a corrupção nos últimos dois anos	23,50%	16,30%
Proximidade de algum partido político	15,71%	24,35%

Fonte: Latinobarômetro (2013, 2015). Elaboração própria.

Em 2013, a ordem de confiança nas instituições varia a depender do grupo. Para os satisfeitos, as três instituições nas quais mais se confia são o Poder Judiciário, o Estado e o governo (64%, 62% e 61% respectivamente). Em seguida, temos o congresso (37%) e os partidos políticos (26%). Já entre os insatisfeitos, além da ordem, os valores são muito diferentes. As três

instituições nas quais mais se confia são o Estado, o Poder Judiciário e o governo (44%, 35% e 29% respectivamente), seguidos por congresso (19%) e partidos políticos (14%). Por fim, a confiança entre as pessoas varia pouco entre os grupos e é extremamente baixa (7% para os satisfeitos e 4% para os insatisfeitos).

Ainda em 2013, a corrupção é tida, em ambos os grupos, como o segundo maior problema do país. A maior preocupação é com a saúde, que concentra praticamente o dobro dos percentuais. Perceber que aqueles que governam o país são um grupo de poderosos agindo em benefício próprio é visão quase homogênea entre os insatisfeitos (91%). Já entre os satisfeitos, o percentual também é alto, ainda que consideravelmente menor (70%). Ainda, 45% dos satisfeitos percebem que as instituições progrediram algo em reduzir a corrupção nos últimos dois anos, valor que é praticamente a metade para os insatisfeitos. Por fim, a proximidade a algum partido político entre os satisfeitos é maior (26%) que entre os insatisfeitos (15%).

Já em 2015, o cenário é distinto. A confiança nas instituições e pessoas revela a mesma ordem de preferência entre ambos os grupos, mas com claras diferenças de grandeza: em ambos, a confiança no poder judiciário é maior que nas outras instituições, seguida pela confiança no Estado, no congresso e no governo (com valores muito próximos), nos partidos políticos e, por fim, nas pessoas. Entre os satisfeitos, a confiança nas instituições é mais que o dobro entre os insatisfeitos, com exceções para o poder Judiciário, que é a instituição com percentual de confiança mais aproximado entre ambos os grupos. Por fim, os satisfeitos confiam praticamente três vezes mais nas pessoas que os insatisfeitos.

Ainda em 2015, o principal problema do país está relacionado à saúde, enquanto que para os insatisfeitos é a corrupção. Em relação aos líderes políticos, é alto o percentual, em ambos os grupos, para a visão de que eles agem em benefício próprio e não para o bem do povo, ainda que entre os insatisfeitos seja muito mais alto (cerca de 78% para os satisfeitos e de 91% para os insatisfeitos). Entre os satisfeitos, acredita-se mais que as instituições estão progredindo algo no combate à corrupção nos últimos dois anos (27%) que entre os insatisfeitos (16%). Por fim, o sentimento de proximidade a partidos políticos é praticamente o mesmo entre satisfeitos (27%) e insatisfeitos (24%).

Neste bloco, tanto o ano como os grupos importam. A confiança no Congresso cai, mas muito pouco de 2013 para 2015, o que pode ser reflexo de seus valores já estarem em percentuais mais baixos. Tanto para os satisfeitos como para os insatisfeitos, a confiança no governo cai quase que pela metade, estando muito reduzida, também, a confiança no Estado. Nas variáveis relacionadas à corrupção, esse peso é maior para o “grau de progresso das instituições em reduzir a corrupção nos últimos dois anos: algo” entre os satisfeitos (de 45% em 2013, cai para 27% em 2015). Entre os insatisfeitos, a percepção de que a corrupção é o problema mais importante do país dobra de um ano para o outro. Por fim, o sentimento de proximidade a partidos políticos reflete uma variação interessante entre os grupos: aumenta, mas muito pouco, entre os satisfeitos (estando em 27% em 2015) e aumenta consideravelmente entre os insatisfeitos (estando, em 2015, na casa dos 24%).

4.2.3. Bloco 3: Comportamento – engajamento político

A variável “Disposição a marchar e protestar por” requer uma análise descritiva [8]. A escala vai de 01 a 10, onde 01 significa nada disposto e 10 significa muito disposto.

A primeira opção se refere à disposição a marchar e a protestar pelo aumento de salário e melhores condições de trabalho. Em 2013, ela está concentrada nos extremos em ambos os grupos, com um percentual maior para a escala 10. O maior percentual de satisfeitos (23,4%) e insatisfeitos (25,6%) se encontra muito disposto (escala: 10) a manifestar por essa causa. No outro extremo, cerca de 18% dos satisfeitos e insatisfeitos se encontram nada dispostos (escala: 01) a protestar por essa causa. Os percentuais restantes encontram-se maiores quando iguais ou maiores que 05. Também em 2015, a maior concentração está em “muito disposto” (29,2% para os satisfeitos e 32,8% para os insatisfeitos). Para os satisfeitos, os maiores percentuais restantes encontram-se na escala 08 (17,3%) e em nada disposto (12,4%). Já para os insatisfeitos, nas escalas nada disposto (17,7%) e 08 (12,6%).

Já a (b) disposição a marchar e protestar pela melhoria da saúde e da educação também possui clara concentração nas escalas muito disposto (28,7% dos satisfeitos e 32,3% dos insatisfeitos); na escala 08, com percentuais muito semelhantes a essa; e na escala nada disposto (14,6% dos satisfeitos e 16% dos insatisfeitos). Em 2015, a concentração em nada disposto é pouco menor em relação a 2013: 10,9% dos satisfeitos e 15,1% dos insatisfeitos. Os percentuais restantes também se encontram bem semelhantes a 2013, com a maior concentração em “muito disposto” (42,1% dos satisfeitos e 40,9% dos insatisfeitos), e na escala 08.

Quanto à (c) disposição a protestar pela defesa de direitos democráticos, temos, em 2013, um cenário interessante: as maiores concentrações, de ambos os grupos, estão nos extremos, com um maior percentual em “nada disposto” para os satisfeitos (21,1%) e em “muito disposto” para os insatisfeitos (19,7%). Entretanto, praticamente contraditório é que a concentração dos insatisfeitos em “nada disposto” também é semelhante (17,7%) ao extremo oposto, assim como a dos satisfeitos em “muito disposto” (19,3%). Ainda que com percentuais menores, as maiores concentrações restantes estão a partir da escala 05. Em 2015, há uma polarização um pouco menor, ainda que continue significativa. A disposição a protestar pela defesa de direitos democráticos é maior, entre os satisfeitos, em “muito disposto” (23,8%), seguido por “08” (15,3%) e “nada disposto” (11,9%). Também entre os insatisfeitos, é maior em “muito disposto” (29,2%) e em “nada disposto” (18,1%).

Portanto, quanto à disposição entre democratas satisfeitos e insatisfeitos a se manifestarem publicamente através de protestos, observa-se uma concentração de respostas nos extremos em ambos os anos, havendo um claro aumento de 2013 para 2015 na máxima disposição (escala 10) em protestar pela melhoria da saúde e da educação, mas com um cenário equilibrado, entre os anos, quanto à defesa dos direitos democráticos, que permanece polarizada entre “nada dispostos” e “muito dispostos”. Ainda em relação a essa variável, ser insatisfeito importa: de 2013 para 2015, aumenta praticamente em 10 pontos percentuais a concentração em “muito disposto”. Abaixo, apresentamos o teste de proporções para as variáveis restantes do bloco.

Tabela 4: Teste de proporções para o Bloco 3

SATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA		
SATISFEITOS		
	2013	2015
	Teste T	Teste T
Frequência com que:		
Trabalha para um candidato ou partido	20,47%	15,92%
Convence alguém de como pensa politicamente	23,53%	26,87%
Fala de política com amigos	50,29%	48,26%
Votou na última eleição presidencial	89,47%	81,19%
INSATISFEITOS		
	2013	2015
	Teste T	Teste T
Frequência com que:		
Trabalha para um candidato ou partido	7,92%	8,57%
Convence alguém de como pensa politicamente	14,68%	23,61%

(Continua)

(Conclusão)

Fala de política com amigos	41,58%	50,11%
Votou na última eleição presidencial	85,71%	84,80%

Fonte: Latinobarômetro (2013, 2015). Elaboração própria.

Em 2013, a frequência com que trabalha para um candidato ou partido político é a variável de maior diferenciação entre satisfeitos (20%) e insatisfeitos (7%). As restantes, encontram-se em percentuais aproximados, ainda que seja sempre maior entre os satisfeitos. Ter votado na última eleição presidencial também não demonstra grande diferença entre os grupos.

Já em 2015, as variações entre os grupos são ainda menores na variável relativa à frequência com que realiza uma das atividades descritas, sendo maior para trabalhar para um candidato ou partido. Ter votado na última eleição presidencial segue a mesma tendência de pouca variação, mas com um valor maior para os insatisfeitos.

Percebe-se, assim, que este bloco aponta para variações mais significativas, principalmente entre os insatisfeitos. Mesmo diante de uma crise política em curso, aumentam a disposição a protestar e a frequência com que se fala de política e tenta-se convencer alguém de como pensa politicamente.

5. Discussão de resultados

Assim, de acordo com os dados aqui expostos e nossas hipóteses, podemos tirar variadas conclusões. De fato, os satisfeitos possuem percepções mais positivas que os insatisfeitos, ainda que o peso do ano seja um importante sinalizador: os satisfeitos de 2015 possuem percentuais muito semelhantes, em grande parte das variáveis, aos insatisfeitos de 2013. Clara exceção é a variável de Satisfação com o funcionamento da economia, que sinaliza um nível extremo de insatisfação dos insatisfeitos (variando entre 7% e 4%).

Em relação à confiança nas pessoas, ela é claramente maior entre os satisfeitos, inclusive aumentando de 2013 para 2015 - ano que conta com um índice de 13%. Também a confiança no Congresso, entre os dois anos, permaneceu quase inalterável entre ambos os grupos, ainda que seja maior entre os satisfeitos. Quanto à corrupção, é visível o aumento de uma visão negativa, em ambos os grupos, em relação à crença no progresso das instituições em seu combate.

O último bloco, de Comportamento, apresenta resultados muito homogêneos, tanto em relação ao ano como aos grupos, no que diz respeito às variáveis submetidas ao teste de proporções. Já em relação às variáveis escalares, é claro o aumento entre os insatisfeitos (por volta

de 9 pontos percentuais) da disposição máxima (escala 10) a protestar. Dentre os satisfeitos, essa disposição também aumenta, mas timidamente (em torno de 3 pontos percentuais), sendo exceção a disposição a protestar pela melhoria da saúde e educação, que conta com aumento de 13 pontos percentuais de um ano para o outro. Entretanto, a disposição ao protesto possui distribuição polarizada, estando os maiores percentuais localizados em nada disposto ou em muito disposto. São outros achados interessantes o aumento da predisposição a convencer alguém de como pensa politicamente, principalmente entre os insatisfeitos.

Conforme nossas hipóteses, ainda, as percepções negativas são mais expressivas, tanto de um ano para o outro como entre os grupos, no bloco 01, com claro peso da variável de satisfação econômica, que parece ser decisiva para a insatisfação dos insatisfeitos com a democracia no país. Entretanto, no bloco 2, é sinal de preocupação o aumento da desconfiança no governo e no Estado, que apresentaram quedas de proporções semelhantes entre satisfeitos e insatisfeitos. O fenômeno da corrupção tem seu resultado mais alarmante na variável “Progresso das instituições em reduzir a corrupção nos últimos dois anos”, que mostra queda significativa numa crença positiva de um ano para o outro.

Percebemos, assim, que o bloco 01, por possuir orientação mais fortemente relacionada ao apoio específico, apresenta resultados mais palpáveis em uma perspectiva comparativa, sinalizando que haveria uma crise política em curso no país, assim como o forte peso da variável econômica no grupo de insatisfeitos com a democracia. Entretanto, ainda que as variações no bloco 02, relativo ao apoio normativo, sejam menos impactantes em relação às do bloco anterior, é possível sinalizar o lugar que vai sendo ocupado pela variável corrupção, assim como a queda de confiança no Estado, que era relativamente bem cotado em ambos os grupos no ano de 2013. Por fim, o bloco 03, referente ao comportamento, apresenta achados interessantes ao apontar para o crescimento na disposição a protestar, principalmente entre os insatisfeitos. Esse mesmo grupo também tende, de 2013 para 2015, a falar mais de política e a convencer alguém de como pensar politicamente.

6. Considerações finais

Como mostram as leituras dos blocos, os democratas satisfeitos com o funcionamento da democracia tendem a ser quase sempre mais otimistas que os insatisfeitos. O elemento ano também se configura como importante, já que de 2013 para 2015 o otimismo dos satisfeitos cai de modo significativo em praticamente todas as variáveis analisadas; o pessimismo dos insatisfeitos também aumenta. Ou seja, o recorte afeta: ser democrata satisfeito ou democrata insatisfeito altera consideravelmente as respostas. Ainda, como o recorte favorece um perfil sensível à avaliação de desempenho de governos, os resultados estão diretamente relacionados com o contexto, o que vai de encontro à nossa hipótese de que, nesses anos, estava em curso uma crise no país de cunho mais político do que de legitimidade.

Outro elemento interessante de ser reforçado, entretanto, é que no bloco de Comportamento aumentam em aproximadamente 10 pontos percentuais as disposições dos insatisfeitos a protestar por causas diversas, a falar de política e a convencer alguém de como

pensa politicamente. Esse é um achado importante na medida em que assinala um aumento no exercício desses direitos políticos, mesmo em meio à uma crise política. Entre os satisfeitos também há aumentos, ainda que sejam tímidos.

Por fim, esperamos ter levantado achados importantes, além da necessidade de um olhar mais cuidadoso para os democratas satisfeitos e insatisfeitos com o funcionamento da democracia. Uma possibilidade em aberto seria a de conduzir outro estudo relacionado aos ambivalentes e autoritários, buscando um comparativo a partir do recorte sugerido e aprofundando a relação entre apoio ao regime e satisfação com a democracia. Aguarda-se, também, a existência de novos estudos do Latinobarômetro, do ICS, entre outros, para que a relevância de uma visão ao longo do tempo se torne mais clara, destacando a importância do que MENEGUELLO (2013) apontou: as análises devem se situar à luz dos acontecimentos e contextos aos quais elas pertencem. 🌐

NOTAS

* As autoras, à época da submissão, cursavam o 6º período do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no 9º Congresso Latino-americano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP) em Montevidéu, entres os dias 26 e 28 de julho de 2017. As autoras agradecem as sugestões e leituras atentas dos(as) professores(as) Eleonora Schettini Cunha, Mario Fuks e Ricardo Fabrino Mendonça, assim como a paciência e enorme ajuda de Leonardo Souza Silveira com a realização dos testes. E-mail: julia_figueiredo10@hotmail.com; marialuizamoreiraduarte@gmail.com

[1] Dados recentes mostram queda nesse apoio: segundo o Estadão, dados do Latinobarômetro indicam que o apoio à democracia no Brasil caiu 22 pontos percentuais em 2015, o maior registro de queda na América Latina. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,apoio-a-democracia-no-brasil-cai-22-pontos-diz-pesquisa,10000073814>>

[2] Os dados do ICS foram por nós filtrados de acordo com 8 instituições políticas. Desses dados, tiramos a média da confiança nessas instituições entre 2009 e 2015, onde pudemos alegar essa informação. O documento com uma análise cronológica detalhada do ICS pode ser acessado no link: <<https://docs.google.com/document/d/12cyRXuZjJ2joZR1BMbBBkA-inaOdBWBjdT6Lp8Lukgc/edit?usp=sharing>>.

[3] As eleições presidenciais para o ano de 2015 foram muito disputadas entre os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), tendo esta sido eleita com 51,64% dos votos, vs. 48,36% votos para aquele.

[4] Como nosso artigo é voltado somente para os democratas, o fato de nossa construção tipológica para os democratas ser distinta da proposta por MOISÉS (2008) não é problemático, dado que (a) os percentuais de insatisfeitos e satisfeitos permanecem similares numa comparação entre ambas as tipologias (com variação máxima em torno de 2%); (b) rodando os testes T para as principais variáveis, as variações máximas entre as tipologias sequer chegam a 2%. Ainda, para ver aspectos metodológicos mais pontuais, acesse o documento disponível no link: <https://docs.google.com/document/d/1kzdLv_AZ4v6EUGosTabok8v8ijgl699ddd7nYqcLk_k/edit?usp=sharing>

[5] O documento pode ser acessado através do link: <https://docs.google.com/document/d/1kzdLv_AZ4v6EUGosTabok8v8ijgl699ddd7nYqcLk_k/edit?usp=sharing>

[6] MOISÉS e CARNEIRO (2008) apontam estudos que sugerem que a legitimidade do regime democrático estaria associada aos fenômenos da confiança nas instituições e à satisfação com o funcionamento da democracia. Sustentamos que percepções crescentemente negativas em relação à corrupção no país também contribuiriam para a erosão da legitimidade do regime, o que nos permitiria perceber, pelos resultados dos testes aqui feitos, se há ou não um cenário mais próximo da negação ou afirmação da legitimidade.

[7] O documento com uma análise cronológica detalhada do ICS pode ser acessado no link: <<https://docs.google.com/document/d/12cyRXuZjJ2joZR1BMbBBkA-inaOdBWBjdT6Lp8Lukgc/edit?usp=sharing>>.

[8] Nesse caso, optamos por não utilizar gráficos de barras, dado que ocupariam demasiado espaço e poderiam trazer aos leitores uma leitura mais confusa.

REFERÊNCIAS

ALMOND, G.; VERBA, S. *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

AVRITZER, L. - *Impasses da democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DAVID, F. F.; CORTEZZI, D. *Cultura política: democracia no Brasil*. Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: aproximando agendas e agentes. Araraquara, SP, 23 a 25 de abril de 2013.

DEL PORTO, B. F. (2016). *Satisfação com a democracia entre os brasileiros no cenário recente (2002-2014)*. Revista Debates, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 83-106, set.-dez. 2016.

EASTON, D. *A System Analysis of Political Life*. New York: Wiley, 1965.

FUKS, Mario et al. *Qualificando a adesão à democracia: quão democráticos são os democratas brasileiros?* Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 19, p. 199-219, Abr. 2016.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. São Paulo: Francis, 2009.

JINKINGS, I. *O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe*. In: Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. Orgs Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto. Editora Boitempo. 2016.

MENEGUELLO, R. *As bases do apoio ao regime democrático no Brasil*. In: MOISÉS, A. J.; MENEGUELLO, R. (orgs.). *A desconfiança política e os seus impactos na qualidade da democracia - o caso do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2013.

MOISÉS, A. J. *A desconfiança nas instituições democráticas*. Opinião Pública, Campinas, Vol. XI, nº 1, p. 33-63, Março, 2005.

(2008). *Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 66, p.11-44.

(2010) *Os significados da democracia segundo os brasileiros*. Opinião Pública, Campinas, vol. 16, nº 2, p.269-309.

MOISÉS, J. A.; CARNEIRO, G. P. *Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil*. Opinião Pública, v. 14, n. 1, p. 1-42, 2008.

PUTNAM, D. R. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

POWER, T. J.; JAMISON, G. D. *Desconfiança política na América Latina*. Opinião Pública. Vol. XI, nº 1, p. 64-93. Campinas. 2005.

Recebido em 11/10/2017

Aprovado em 03/02/2018